

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Imaginário

Algumas notas edificantes e curiosas escritas para o uso daqueles que querem pensar o mundo tal como ele é¹

Some edifying notes and curious writings for the use by those who want to think the world as it is

MICHEL MAFFESOLI

Membro do Instituto Universitário da França. <www.michelfaffesoli.org>

RESUMO

Nesta proposta de reflexão, Maffesoli fala da obra que ultrapassa o autor através do qual ela se exprime. Eis a pretensão da abordagem compreensiva, aquela que deixa ser, ao invés de reduzir a um sistema pré-estabelecido. O autor trata da apresentação, aquém ou além da representação, de dois pressupostos que lhe foram “ditados” pela força das coisas: uma concepção mística do social e a ênfase sobre o “dado”, que está lá antes de toda ação humana. Também apresenta duas impressões essenciais que permeiam sua obra, o desejo de ser e a profundidade da superfície. Ao criticar o dogmatismo e propor que as palavras se tornem falas para conduzir a uma relação apropriada com a alteridade, Maffesoli traz um texto para meditação de, segundo ele, alguns “happyfew” que querem pensar o mundo tal como ele é.

PALAVRAS CHAVE: Abordagem compreensiva; Representação; happyfew.

ABSTRACT

In this proposal for reflection, Maffesoli speaks of the work that goes beyond the author through which it is expressed. Here the claim of comprehensive approach, one that betrays, instead of reducing a pre-established system. The author deals with the presentation, below or beyond the representation of two assumptions that have been “dictated” by the force of things: a mystical conception of the social and emphasis about the data, which is there before every human action. It also features two key impressions that permeate his work, the desire to be the surface and depth. In criticizing dogmatism and propose that the words become words to conduct a proper relationship with alterity, Maffesoli brings text for meditation of, he said, some “happy few” who wants to think about the world as it is.

KEYWORDS: Comprehensive approach; Representation; Happy few.

“

OMNIA BONA FAUSTA FELICIAQUE AD PRIMORDIA ANNI
2011 SALUTIS.

Deixo meu sistema cetológico inacabado, como seguiu inacabada a grande catedral de Colônia, com seu guindaste ocioso no topo da torre incompleta [...] Deus me livre de nunca nada aperfeiçoar. Este livro inteiro não passa de um esboço [...] nem isso: o esboço de um esboço.

Herman Melville
(*Moby Dick*: a baleia branca)

Vem-me à mente esta constante, perceptível em diversos domínios da criação, a qual lembra que é após uma longa ruminção, uma lenta sedimentação que a obra pode nascer. É preciso, então, que ela se cale em si para que possamos escrevê-la. Quero dizer com isso que uma obra digna deste nome é apenas o advento de alguma coisa que a ultrapassa. E ultrapassa, *a fortiori*, aquele através do qual ela se exprime. Digo “através” no sentido de que ele é somente o auto-falante do que se diz e se vive em baixo tom na banalidade de um quotidiano do qual ainda não acabamos de explorar os mistérios. Logo, trata-se de deixar acontecer o que é.

Que se torne o que está lá. Eis a ambição, a pretensão, de uma abordagem compreensiva: não reduzir a coisa social à um sistema pré-estabelecido (lembremos do famoso leito de Procuste), e sim deixá-la ser. Contentar-se, da forma mais bela possível, em apresentar seus contornos e enfeites. Assim, além ou aquém da representação, a apresentação.

Heidegger, ao contemplar uma rosa, sugere a existência de um pensamento que “de forma alguma objetiva nem leva à representação”. Eco, de certo, do “querubim peregrino” *Angelus Silesius*: “A rosa é sem porquê”. Extrapolando a proposta, podemos dizer que um tal “*ohne warum*”, este sem porquê do essencial, é aplicável à vida em seu todo. O que não impede que o “como” das coisas, a apresentação, necessitem de uma elaboração não menos rigorosa que o “porquê”. Eterno problema, bem formulado por Arquimedes. Encontrar a alavanca epistemológica e metodológica que permita esclarecer essas intermináveis questões às quais somos todos confrontados. Daí a exigência de um pensamento superior, pensamento meditativo, pensamento ruminante, o único capaz de identificar as veias profundas que percorrem toda socialidade. E, ao encontro deste, o qual gostariam de nos iludir os doutrinários de todos os tipos, é preciso saber implementar uma verdadeira resistência do pensamento para ser capaz de bem “apresentar” os problemas sociais. Em uma fórmula incisiva e muito pertinente, Adorno relatou uma “exigência de rigor sem sistema”. Exatidão na abordagem que não tolera nem os quase nem a fraqueza intelectual, sem portanto ceder aos charmes enganadores dos dogmas seguros.

Estes, tais como a hidra de cem cabeças, ressurgem constantemente ao longo da história das ideias. Dogmatismo que, sem disparar um tiro, gera as diversas inquisições com as quais esta mesma história está habituada. Tanto isso é verdade que a petrificação deste que foi, um dia, inovador, gera mecanismos de defesa, agressividades que hoje em dia não levam mais à fogueira, mas levam à desconsiderar, deslegitimar aqueles que não querem dançar conforme a música ou se recusam ao que Durkheim chamava, justamente, de “conformismo lógico”.

E é preciso perceber que cheiramos um pouco à enxofre quando nos recusamos a fazer livros de edificação, quando fugimos do compromisso, quando evitamos a “lógica do dever ser” (Max Weber). Mas podemos dizer igualmente que, quando

há um acordo geral sobre uma obra, um homem ou uma ideia, é algo suspeito. Pois em geral as pessoas só entram em acordo sobre aquilo que é um pouco chato, talvez até bobo. Em suma, as pessoas só concordam sobre o que não tem consequências graves. Assim, ao contrário destas ideias desatualizadas que continuam a assombrar os espíritos, ideias do politicamente correto moderno, poderia eu dar duas chaves para bem apreender o que se passa em meu caminho intelectual? Dois pressupostos que foram pouco a pouco impondo-se em minha mente, assim como já indiquei, por ruminação, por sedimentação. Pressupostos de alguma forma “ditados” pela força das coisas, por aquilo que se permite ser visto.

Primeiramente, e o que é particularmente evidente na análise do tribalismo pós-moderno, pretendo insistir em uma concepção mística do social. Eis que isto parece curioso! E contudo, à partir das raízes cartesianas, com a filosofia das Luzes no século XVIII, vimos a passagem da mística para o político. “Racionalização generalizada da existência, desencantamento do mundo”, dirá Max Weber, características essenciais da modernidade. Pois diversos são os indícios (*index*) apontando a mutação profunda que está em curso. Ponto de inversão, pivotamento, saturação (Sorokin)? Pouco importa os termos utilizados. Basta reconhecermos que o sentimento de pertença tende a prevalecer, que a autonomia individualista, o pivô essencial do contrato social, dá lugar à pessoa plural que desabrocha no pacto societal. É esta primeira obsessão teórica que, tal como um fio vermelho, percorre tudo o que eu escrevi desde o fim dos anos setenta. É isto que eu chamo de “místico”: um laço social concebido a partir de mitos que compartilham, entre si, alguns iniciados. Retomando a expressão “*ordo amoris*” do sociólogo Max Scheler eu pretendo, no futuro, prosseguir a análise de uma talerótica societal.

O outro pressuposto “ditado” pelos fatos e que pode, eu admito, irritar um pouco, é a ênfase sobre o “dado”. O que está lá, irrefutável, irreprimível, antes de toda ação

humana. E isto não deixa de calar nossa pretensão de dominar, de controlar, em uma palavra, de construir. O dado contra o construído.

Lembro de meu saudoso amigo Pierre Sansot, que no início da minha carreira universitária, em Grenoble, achava minhas análises sociológicas bem “quietistas²”. Tinha razão. Já desde meus anos de aprendizagem eu preferia Fénelon à Bossuet, o cisne de Cambrai à águia de Meaux, a carência da noção à brutalidade do conceito. E podemos dizer que é um tal “quietismo” que volta à ordem do dia nas práticas quotidianas atuais. Menos agir sobre o mundo, social ou natural, do que se ajustar a ele. Uma forma de *aniquilação* na natureza dionisíaca do mundo, a fusão da “orgia”, ou seja, o compartilhamento de paixões (“*orgé*”), uma espécie de subjugação ao mimetismo tribal. Todas coisas particularmente evidentes para aqueles que aceitam, simplesmente, ver e compreender os diversos agrupamentos contemporâneos, esportivos, musicais, religiosos, consumatórios.

Quietismo, “nadismo”, *kenosis*: o nada que dá vida, o retiro de onde ela surge. Ainda aqui uma inversão de polaridade capaz de nos aborrecer, mas que indubitavelmente existe: a importância da sombra sucede a prevalência das Luzes. Convém identificar as descobertas que podem ser feitas a partir desta sombra. Dionísio estendendo sua sombra sobre as megalópoles pós-modernas, “parte do diabo” da qual podemos perceber as múltiplas e contrastadas manifestações, retorno do sentimento trágico da existência, eis quais são os principais componentes do “dado societal”. Em suma, além ou aquém das simpáticas ou estúpidas teorias da emancipação vinda das Luzes, o reconhecimento de um mundo como um lugar de exílio e de plenitude, lugar de horrores e de maravilhas. O claro-escuro da existência. Devo lembrar que, se há uma figura que traduza bem a retórica social pós-moderna é o oximoro, como expressão da harmoniaconflitual de todas as coisas.

Eis então o “*quomodo*”, este “como” utilizado nos diversos livros que pontuam meu caminho. São pedras angulares de uma obra em curso, tendo como ambição perceber o melhor da arquitetônica social. Pedras angulares que podem tornar-se pedras no caminho para alguns, que como já mencionei, reclamam enquanto, *stricto sensu*, questionamos o que deve ser. Esquecidos que estão de que a questão, justamente, é a garantia essencial da abordagem científica.

Com certeza pode, e deve, haver polêmica teórica. Na época em que *l’universitas* constituía como tal, isto chamava-se “*disputatio*”. E o torneio intelectual era, ao mesmo tempo, uma boa maneira de rivalizar talentos e um bom meio de fazer avançar o conhecimento comum. No melhor dos casos, a verdadeira “*disputatio*” pode evitar a guerra ideológica onde clérigos raivosos gastam toda sua energia em uma ojeriza sem perspectiva. Contento-me, aqui, retomando o velho adágio dos humanistas “*sine ira et odio*”, sem raiva nem ódio, em dizer o mais serenamente possível quais são os elementos essenciais da vida quotidiana pós-moderna. Não a partir de um *a priori* teórico, ou mesmo dogmático, mas a partir de uma experiência que, queiramos ou não, nos satisfaça ou não, está lá. O dado sendo, portanto, o fundamento do construído. É bem assim que compreendo em boa parte o “positivismo” de Augusto Comte: “induzir para deduzir afim de construir”.

Daí a necessidade de buscar um trabalho artesanal do pensamento. Fazer costura à mão. Trabalho solitário, se houver, e ao mesmo tempo nada menos que isolado. O solitário estando ligado à alteridade. Assim que o monge na Idade Média concebia seu estado: *monos*, só, mas em ligação com seu deus e com a comunidade. O dogma da comunhão dos santos o prova. A multiplicidade e a diversidade das pesquisas que encontram sua fonte a partir das temáticas do imaginário e do quotidiano mostram, igualmente, um tal processo de ligação.

Apresentarei duas chaves abrindo as portas do que está em jogo em minhas diversas obras. E o farei mantendo em mente que a história é feita de recuperações, de palimpsestos. Às vezes é preciso saber riscar o palimpsesto para encontrar o texto original, o que permite reencontrar o que é original. Reencontrar, encontrar, tantos termos nos mostrando o fato de que a verdade não pode ser abstrata, separada do “dado”, simples adequação a uma representação do mundo, mas que ela é sempre e de novo um desvelamento: o que torna presente aquilo que está lá. Logo, a importância da sombra a qual já mencionei: não apenas mais um elemento, mas a sombra como elemento central da verdade das coisas.

Então, riscar o palimpsesto afim de trazer à tona essas duas impressões essenciais, que são o prazer ou o desejo de ser, e a profundidade da superfície. Assim, indiferente ao ódio, muitas vezes na origem das pesquisas sobre o social, trata-se de elaborar uma sociologia que saiba chamar atenção para a cor do mundo, para seus cheiros e seus diversos humores. Dionísio é, claro, a figura emblemática de tal sensibilidade teórica. Divindade arbustiva, disseram, símbolo de um apego a este mundo e a seus prazeres. Anamnese do animal humano, ou do “*zoonpoliticon*”. A animalidade existe, é melhor integrá-la se não queremos que ela se reverta em bestialidade. Enquanto figura emblemática, Dionísio é o indício do todo do ser individual ou coletivo.

Um tal dionisíaco acontece, empiricamente, na vida atual. Indícios semânticos o provam, tal como as pedras brancas do Pequeno Polegar vão pontuar conversas quotidianas e práticas diárias. Logo, as palavras festivo, lúdico, onírico, criatividade, termos um tanto científicos, significam que o momento é de um hedonismo compartilhado. O que é, e muitas vezes esquecemos, próprio de grandes momentos culturais, de épocas fundadoras. Assim, como bom conhecedor do grande século francês que era, Nietzsche dizia “que havia uma fera dentro dele”.

E um talenselvajamento, que foge de alguma forma às regras, leis e outras codificações, é característica do vitalismo cultural. Mas, face a este último, e como para proteger-se dele, são também épocas nas quais a proliferação de leis, supostamente protetoras, aumenta. São, enfim, momentos durante os quais, como para legitimar este prurido legislativo, as elites intelectuais passam à pregação moral, fundando sobre ela seu pontificado artístico ou teórico. Em uma palavra, sua razão de ser.

Daí a multiplicação de livros e programas *talk show* que se apoiam essencialmente sobre a edificação. *Lendas douradas* da modernidade procurando consolar, tranquilizar o bom povo cujo ideal seria a segurança, o famoso risco zero. Daí esses dilúvios de bobagens conservadoras que ameaçam tudo afundar. Daí a valorização midiática desses cretinos distintos, expectorando banalidades moralizantes e moralizadoras do alto de suas diversas cadeiras. Leia este irônico livro de Vilfredo Pareto: *Le Mythevertuiste*, para compreender que ar pestilento é este dessas oficinas onde se pratica tais “ideais”, nas quais é fácil ver por que eles fedem à mentira! Para dizer em termos mais sofisticados, tudo isto se assemelha a esses textos “proféticos”, textos conversores utilizados no início do Cristianismo para edificar e converter.

Nada de novo sob o sol. E jamais repetiremos o suficiente que, quando uma concepção de mundo se termina, em matéria de ideologia moderna, é comum “acrescentar”. É o que chamamos de combate de retaguarda: tanto mais ofensivo quanto, inconscientemente, se pressente que a guerra está perdida. Daí este moralismo ambiente. Uma palavra para qualificar tal atitude: bovarismo. Ou seja, crer em algo diferente do que é. Bovarismo sendo, de maneira recorrente, o fato de uma elite excluída da realidade social. O demais, como compreendido, é o espírito que anima meus livros. Contra os dogmas um tanto pesados dos notários do saber, eles repetem a ironia da antiga memória. E isto no mais próximo de sua etimologia: *eironia*, interrogação.

Interrogar-se, na verdade, sobre esse retorno do “*pueraeternus*”, esta criança eterna da qual Dionísio é a figura emblemática, e o faz com prazer nas diversas tribos das quais ele participa. Criança eterna brincando nas peregrinações religiosas, nos múltiplos encontros musicais, nos ralis mundanos e outras saídas em grupos. Quanto a todas essas festas que pontuam a vida de nossas sociedades, como podemos interpretá-las a partir do *correctness* próprio àqueles que dão lições? Seria melhor lembrar-se do aviso do sábio Platão: *philopaismovesgarkai oi theoi*, os deuses também amam os divertimentos de criança. (Cratyle, 40, 6).

Então existe o divino na atmosfera pós-moderna. Reencantamento, eu disse, no sentido de que a eternidade não é mais esperada em hipotéticos outros mundos, religiosos ou políticos, que virão; e sim vivida no instante. Instante eterno, tudo de trágico se mistura, mas de intensidade igualmente, pois também trata-se de viver, aqui e agora, um prazer que não pretendemos adiar para amanhã. Eis o que induz a temática dionisíaca que se capilariza, de maneira teimosa, no todo do corpo social. Uma curiosidade que Heidegger consagra à meu querido deus resume bem tal sensibilidade teórica:

“

[...] É Dionísio, o deus do vinho, que no meio da noite deixa aos mortais desprovidos dos deuses esse vestígio. Porque o deus do vinho guarda, neste e em seu fruto, a originária participação recíproca do céu e da terra, enquanto local de união dos deuses e dos homens [...]

A co-participação do céu e da terra, da vegetação e dos homens, não é isso que celebram as festas pagãs as quais a atualidade não economiza. Aliás, é instrutivo perceber que mesmo as tribos de música *techno* ou gótica, sem conhecimento específico

do gesto dionisíaco vão, frequentemente e com ostentação, abrigar-se debaixo do homônimo de Dionísio. Homônimo? Eles nem mesmo sabem o que isto significa. Pouco importa, pois ao utilizá-lo eles anteveem que este deus “leva” o nome da “coisa” que eles vivem: a exuberância, a expansão do prazer no aqui e agora.

Sim, pode ser que nos cultos extáticos dos agrupamentos musicais haja esta celebração sem freio de forma demasiada. Percebemos isso, a meu ver, nas histerias religiosas e no transbordar de alegria nas noites de vitórias eleitorais. É também o caso das cerimônias fúnebres no caso da morte de alguma estrela musical, religiosa ou política. Em suma, há o emocional no ar.

Devo lembrar que tal neologismo não é utilizado para fazer referência a uma característica psicológica, o que muitos observadores sociais pouco cultivados, ou muito apressados, acreditam com bastante frequência. Não, emocional remete a um ambiente coletivo, tribal, no qual o indivíduo se perde em um todo maior. Onde há, de um ponto de vista metafórico, uma copulação coletiva. Onde o orgasmo une-se a uma forma que é, se acreditamos na sabedoria popular, uma espécie de “pequena morte”.

Morte do pequeno eu para nascer um Eu mais vasto, aquele da terra e do céu, da fauna e da flora, eis então o que são as efervescências societais, de diversas ordens, pontuando a vida quotidiana de nossas sociedades. “Pequenas mortes” orgiásticas que pretendem, antes de tudo, celebrar um irreprimível impulso vital. Voltemos outra vez à Heidegger: “Pode ser que morrer seja o ato supremo do viver”. Além da ideologia oficial do “risco zero”, sem ser enredado por uma suposta morosidade ou o suposto medo do futuro, pode ser que todas essas intensidades traduzam um inegável prazer ou desejo de ser. Em termos mais familiares, a vida talvez não valha nada, mas nada vale o preço da vida. E é a um tal “tópico”, quer dizer, o lugar, que podemos atribuir o laço social contemporâneo. Em maior ou menor escala, o que importa são as

vibrações comuns. “Sintonia”, da qual o fenomenólogo Alfred Schütz soube mostrar a importância para a compreensão da vida social.

Emocional, afetuoso e outras expressões do mesmo tipo traduzem o retorno com força dos afetos na vida social. Não mais escondidos, segundo a expressão consagrada, entre as paredes da vida privada, mas contaminando o essencial da vida pública. As paixões têm um importante papel na teatralidade contemporânea, e é em vão e ingênuo não levá-las em conta, não saber medir seus efeitos. Não podemos compreender nada de geopolítica, de política, de publicidade, da simples vida social, do espetáculo midiático (e o deixo, meu amigo, completar esta lista), se não identificarmos a importância dos afetos. Em seu sentido simples, o que diz respeito ao ventre, ao útero; a histeria, assim como foi o caso na pré-modernidade, retorna com força na pós-modernidade. Ela é um elemento essencial do viver em conjunto contemporâneo, e não podemos mais economizá-la. É, então, cientificamente pertinente integrá-la nas análises pragmáticas que podemos fazer da vida social. Saber mostrar o que se permite ser visto. É tal *monstração*³ que constitui o segundo questionamento de minha abordagem.

Monstração. Se utilizo esta palavra do francês arcaico é para lembrar que pode existir o monstruoso, a monstruosidade na natureza das coisas. Trata-se de uma dessas banalidades de base que é sempre importante lembrar, pois temos tendência, no moralismo ambiente, a esquecer seu alcance. Banalidade conservadora da vitalidade popular. Como à imagem do dia do “forno banal”, na Idade Média, quando se celebrava a festa do pão comum. O “forno banal” como maneira de escapar, mesmo que provisoriamente, ao Poder do senhor, representa bem a metáfora da *Potência* do povo. Banalidade soberana que, contra as evidências eruditas, aquelas essencialmente do “*correctness*”, restabelece força e vigor ao que é evidente.

Em primeiro lugar, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, não são tão radicalmente separados como gostaríamos que fossem. Daí a necessidade, na *monstração*, de

integrar o que, mesmo sendo “monstruoso”, não é menos humano. O que induz a um pensamento da ressonância. Talvez da redundância. Questionamento em espiral que iremos reencontrar na técnica dos mantras orientais, no reaquecimento da “*lectio divina*” monástica, na repetição dos temas musicais, do samba ou dos “*samples*” próprios da música “*techno*”.

A lógica pré-moderna, e aquela da pós-modernidade, não são dedutivas, e sim indutivas. Partindo daquilo que é, elas fazem comparação, analogia. Mas nesta perspectiva de “tudo é bom”, não há nada a jogar fora da surrealidade societal. É isto que intitulei “No fundo das Aparências”. O que surge como ponto de encontro da maneira de ser e de viver junto. O barroquismo sendo a forma artística que melhor dá conta de uma tal coincidência dos opostos. Barroquismo como dinamismo da vida das formas, como exacerbação do sentimento da vida.

Desta forma, a ênfase sobre a experiência pode se exprimir na vivência quotidiana, nos rituais triviais do trabalho, no lazer, nos afetos amorosos ou amicais, ou exagerando-se ao máximo na moda, nos paroxismos musicais (gótico, por exemplo), no gosto pelos mitos satanistas ou nas formas provocantes que aparecem nas diversas “paradas” ou “desfiles”: *techno*, *gay*, “*dragqueen*” que entoam as teatralidades urbanas.

Neste jogo das aparências que se acelera graças ao desenvolvimento tecnológico, ocorre uma nova ordem. *Ordo amoris*, tal como a chama Max Scheler, onde Eros e Thanatos, a criação e a destruição, se ajustam em um misto completo, onde tudo tem seu lugar e pode cumprir seu papel. Trata-se, em seu senso primeiro, de uma simpatia universal fundada sobre afinidades eletivas que ligam cada um aos seres. Jogo de aparências, jogo de imagens, sejam as da publicidade, dos “video-games”, dos “logos” de diversas ordens e, em geral, imagens midiáticas, onde se efetua, retomando uma bela metáfora cabalística de Léon o Hebreu, uma “copulação visual”. Expressão um tanto mística, que pode atacar os apriorismos teóricos, mas

que a experiência cotidiana corrobora à vontade. Basta, a este respeito, ficar alguns instantes em “*cyber cafés*”, onde acontecem os jogos *on-line*, *a fortiori* de conversar com os protagonistas destes jogos, para perceber que uma tal “copulação” tem uma eficácia inegável.

Certamente, as elites exaustas que continuam a fazer, fortíssimo, seus diagnósticos apocalípticos, possuem apenas julgamentos agressivos e ameaçadores sobre a decadência própria desta rebelião do imaginário. E elas verão apenas patologias (práticas viciantes, elas dizem) nas fantasias, fantasmagorias, ou fantasmas que se exprimem nesses “fãs” dos jogos *on-line*. Vejamos nisto, antes, para melhor ou pior, uma espécie de serenidade característica da “criança eterna” que vive na harmonia conflitual dos afetos contraditórios que a constituem. Serenidade quase animal, de acordo com os seres e com o meio, em suma, com o biótipo no qual vivemos. Lembremos das palavras proféticas de Gurnemanz para Parcifal, em Wagner: “Aqui, meu filho, o tempo torna-se espaço”. Espaço semântico, espaço pático, onde o que importa são as paixões, as emoções vividas, com outros, em um determinado lugar. *O lugar faz o laço*, é isto mesmo que caracteriza “o instante eterno” do qual tentei, em meus diversos livros, mostrar a atualização. Ao contrário de uma eternidade distante e futura que caracteriza a modernidade (e a tradição ocidental), agora a eternidade se cristaliza no momento, *okairos*. Ela se espacializa. Daí a importância do corpo, do localismo, do tribal. Espaço que pode ser simbólico, que pode ser móvel, elemento da “circunavegação” pós-moderna. O tribalismo e o nomadismo como características essenciais da época.

Aqui está, certamente, a mutação mais importante, a mudança de paradigma que penamos a reconhecer, a compreender e a analisar. Em suma, o que era transcendência, de um Deus Um, de um Céu a merecer, de um Futuro o qual era preciso esticar, (re)torna-se imanência. Imanentismo de uma deidade difusa, cujo sincretismo e

religiosidade trazem testemunho. De uma Terra a proteger, ao que atenta a sensibilidade ecológica, de um Presente, símbolo de uma presença no outro e neste mundo. É isto a ecosofia.

É um tal imanentismo que caracteriza a criatividade pós-moderna. A vida como “arte total”, onde podem ser estabelecidas correspondências, ressonâncias de tons diversos, musicalidades múltiplas, gostos, odores, toques, tudo que constitui a vida, individual ou tribal, como obra essencialmente experimental. Eis o que é, ao contrário da representação moderna, a apresentação pós-moderna. A apresentação é apenas superfície. E como disse, com alguma indelicadeza, Andy Warhol: “Não há nada por trás”. Eis o que é difícil de admitir, quando sabemos que a inteligência moderna se deu como função buscar, ainda e sempre, a profundidade. A vida por detrás da vida. A perfeição além da imperfeição presente. Como diz, ironicamente, Paul Valéry, o intelectual é estruturalmente “um profundista”!

Mas é isso, a experiência de todos os dias nos envia à superfície das coisas. A pele, os pelos, os humores não se escondem mais. Ao contrário, eles se exibem. Não é a primeira vez nas histórias humanas que isso acontece. Diversas são as boas mentes, nas quais me inspiro (F. Nietzsche, G. Simmel, M. Weber) que bem mostraram que em certos momentos a profundidade se escondia na superfície das coisas. É preciso observar.

Portanto, além dos dogmatismos mais ou menos engraçados, mais ou menos perigosos, além dos vigaristas e dos batedores de carteira intelectuais – e eles são uma legião – além, enfim, dos plagiadores de todos os tipos, ambulantes vendendo produtos de segunda mão, deve-se elaborar uma série de aproximações teóricas. Quer dizer, encontrar palavras pertinentes que, pouco a pouco, tornem-se falas em fase com tudo o que é vivido, com a experiência societal. Falas de sabedoria imemorial que, sem enrijecer o que elas designam, sem conceitualizar *a priori*, conduzam a uma relação

apropriada com a alteridade. Alteridade do grupo, alteridade da natureza, alteridade do misterioso numinoso.

É isto que me foi “ditado” por uma observação atenta da experiência cotidiana. É isto que eu proponho para a meditação de alguns “*happyfew*”. ●

NOTAS

- ¹ Tradução: Roberta Coelho Barros – Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS/RS/BR. <robertabarros@gmail.com>.
- ² N.T: do Quietismo, s.m. Doutrina mística, apoiada nas obras do padre espanhol Molinos, que faz consistir a perfeição cristã no amor de Deus e na anulação da vontade do indivíduo.
- ³ N.T.: Tradução livre do Francês, *monstration*.